



## Trabalhos Científicos

**Título:** Violência Familiar Contra A Criança: Análise Da Ocorrência Em Pacientes Portadores De Doença Crônica Em Hospital Pediátrico

**Autores:** MARIANA GRECO (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); ANNA TEREZA MIRANDA SOARES DE MOURA (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); ALESSANDRA DE PAULA AGUIAR (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); AMANDA SILVEIRA ROCHA (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); ANA PAULA MACIEL DA SILVA (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); CAIO SENISE DROLSHAGEN (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); JOSÉ LUIZ QUEIROZ DOS REIS JÚNIOR (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); LUIZA COSTA RIBEIRO DE SOUZA MOITTA (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); MARINA SILVA JUNQUEIRA (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ); VICTOR AGATI CAVARGERE (UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ)

**Resumo:** Objetivo. Avaliar a correlação entre doença crônica e violência familiar, através da análise do perfil de morbidade das crianças atendidas no ambulatório do Hospital Municipal Jesus (HMJ), promovendo a reflexão dos profissionais de saúde sobre o tema abordado. Método. Foi realizado estudo do tipo corte transversal, com acompanhantes de crianças entre 1 e 12 anos - que tivessem vínculo de cuidado com as mesmas - no ambulatório do HMJ, selecionadas de forma oportunista. Foram realizadas entrevistas face a face com o instrumento CTSPC (ConflictTactileScale – Parent/Child) elaborado para aferir a ocorrência de violência familiar contra criança perpetrada por seus pais ou cuidadores, com 73 questões fechadas abarcando diferentes tipos de violência, a saber: física (incluindo castigo corporal), psicológica, negligência. Também foram incluídas variáveis quanto ao perfil de morbidade dos sujeitos elegíveis. Resultados. Foram realizadas 104 entrevistas ao longo de quatro semanas. A prevalência total de violência foi de 92%. As agressões mais frequentes foram “Falar alto ou gritar” (82%), “Palmada no bumbum” (68%), “Ameaçou dar tapa, mas não deu” (63%) e “Tapa na mão, braço ou perna” (51%). Também foi avaliado o uso de métodos de disciplina não violenta, que esteve presente em 94% dos casos. Foi percebido uma tendência de as crianças classificadas como sem doença crônica estarem concentradas nos menores níveis de agressão, enquanto aquelas com doenças crônicas obtiveram maiores escores de vitimização. Conclusões. Parece haver correlação entre a ocorrência de violência contra a criança e doenças crônicas, com necessidade de maior suspeição de conflitos familiares ao longo do acompanhamento destes pacientes. A busca e identificação destes casos são importantes devido às severas consequências físicas, psicológicas e sociais que tais agressões trazem ao desenvolvimento infantil.